CONGRESSO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO
ISSN 2763-8588

PRODUÇÃO CULTURAL NA ESCOLA: do texto ao livro, do livro ao teatro –*A bruxa do 74*

Mônica Regina dos Santos[1]

Flaviane Jacqueline da Silva Souza[2]

Eixo 6: Alfabetização, cultura escrita, tecnologias educacionais e outras linguagens

Resumo: o objetivo deste artigo foi investigar o poder da produção intelectual no ambiente escolar, especificamente em uma sala de aula do 4º ano do ensino fundamental de uma escola periférica em Várzea Grande, Mato Grosso. O estudo destacou a importância das construções socioculturais da leitura, escritura e oralidade, enfatizando a potência das relações dialógicas permeadas pela afetividade na criação de textos, livros e peças teatrais. A pesquisa baseou-se na teoria histórico-social para desenvolver as atividades em sala de aula. As atividades incluíram audição, escritura, leitura e ilustração de textos, promovendo a interdisciplinaridade e incentivando a troca de conhecimentos entre os alunos. Os resultados indicaram que a turma do 4º ano demonstrou maior desejo em realizar as atividades de forma individualizada, mas com interações e colaborações entre os colegas, o que ratificou a importância da formação de futuros leitores e escritores e enfatizou a necessidade de estratégias didáticas inovadoras e criativas que incentivem a leitura e a produção de textos. A pesquisa culminou na criação de um livro, com base na produção escrita autoral dos alunos, e posteriormente surgiu a proposta de transformá-lo em uma peça teatral.

Palavras-chave: produções socioculturais; leitura; escritura; formação de leitores; relações dialógicas.

[1]Licenciada em História e Pedagogia pela UFMT. Professora especialista em docência do ensino superior. Professora das redes municipais de Cuiabá e Várzea Grande. Mestranda do PPGE da UFMT, na linha de pesquisa: Culturas e Linguagens. Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa Linguagem Oral, Leitura e Escrita na Infância (Geplolei) da UFMT. Contato: prof.monicabrasil@gmail.com.

[2] Professora especialista em educação infantil, alfabetização e letramento pela Faculdade Afirmativo. Professora de educação básica do município de Cuiabá. Contato: flaviane.souza@professor.sme.cuiaba.mt.gov.br.

Introdução

A produção cultural, no contexto escolar, desempenha um papel fundamental no desenvolvimento intelectual dos alunos, permitindo-lhes explorar suas habilidades criativas e expressivas. Por meio de atividades de leitura, escritura[3], dramatização e outras formas de expressão artística, os alunos são incentivados a mergulhar em um mundo de possibilidades, onde podem imaginar, criar e compartilhar suas próprias histórias, seus pensamentos e suas emoções.

Essa imersão no universo da produção cultural não apenas nutre a imaginação das crianças, mas também as incentiva a desenvolver habilidades intelectuais, linguísticas e sociais. Ao criar textos, na forma de produções, contos, poesias ou peças teatrais, os alunos são desafiados a organizar suas ideias, estruturar narrativas e escolher as palavras certas para transmitir suas mensagens. Essa prática constante da escrita aprimora suas habilidades linguísticas e incentiva o desenvolvimento do pensamento crítico, da capacidade de argumentação e da criatividade.

Além disso, a produção cultural na escola proporciona um espaço para os alunos explorarem sua identidade, cultura e visão de mundo. Por meio das histórias que criam e das personagens às quais dão vida, eles podem expressar suas próprias experiências, valores e perspectivas. Isso não apenas fortalece sua autoestima e confiança, mas também promove a compreensão e a valorização da diversidade, à medida que os alunos compartilham suas criações e se engajam na apreciação das produções dos colegas.

É importante ressaltar que a produção cultural não se limita apenas à escrita. As artes visuais, a música, a dança e o teatro também desempenham um papel significativo nesse contexto. Ao explorar diferentes formas de expressão artística, os alunos são encorajados a experimentar, descobrir talentos ocultos e desenvolver habilidades motoras, perceptivas e emocionais.

Nesse sentido, o presente artigo tem por objetivo investigar o poder da produção intelectual realizada em uma sala de aula do 4º ano do ensino fundamental de uma escola periférica no município de Várzea Grande (MT). Para tanto, buscou-se compreender como se deram as produções socioculturais da leitura, escrita e oralidade e as relações dialógicas permeadas pela potência da afetividade da turma em questão.

[3]Por escritura, defendemos o ensino-aprendizagem da linguagem escrita viva e de vida, resultante de interações reais e socioculturais, permeadas por sentidos construídos ora individualmente, ora coletivamente, a partir de apropriações poéticas, éticas e estéticas.

O diálogo entre os sujeitos envolvidos no processo educativo, seja professor-aluno, aluno-aluno ou aluno-objeto de conhecimento, desempenha um papel fundamental na construção do pensamento crítico e criativo. Assim, a partir da compreensão das relações dialógicas estabelecidas no contexto educacional, buscamos comprovar a sua potencialidade na promoção da criação de textos significativos. Isso porque as relações dialógicas não apenas enriquecem o ambiente de aprendizagem, mas também podem culminar na produção de livros e peças teatrais, em que os alunos são protagonistas de sua própria criação, desenvolvendo habilidades linguísticas, imaginativas e colaborativas.

O aporte foi inspirado pela teoria histórico-social de Vygotsky (2018), por meio da sua abordagem sociocultural, que enfatiza a influência do ambiente social e cultural no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças, a qual destaca a importância das interações sociais, do diálogo e da mediação na construção do conhecimento e no desenvolvimento das funções mentais superiores.

Para tanto, foi empregada a metodologia de pesquisa qualitativa, utilizando uma abordagem descritiva e interpretativa. Isso porque a pesquisa qualitativa é adequada para investigar fenômenos e compreender as experiências, percepções e interações dos participantes em seu contexto natural e possibilitou explorar as produções socioculturais da leitura, escritura e oralidade e as relações dialógicas permeadas pelo poder da afetividade na sala de aula do 4º ano do ensino fundamental.

2 Mediação como ponte do saber

A produção cultural no ambiente escolar é um tema de grande relevância no campo da educação. Diversos teóricos têm abordado essa temática, contribuindo para a compreensão de como a produção intelectual pode influenciar o desenvolvimento dos alunos. Nesse contexto, destacam-se as contribuições da teoria histórico-social, formulada pelo psicólogo e educador Lev Vygotsky (1896–1934).

A teoria de Vygotsky (2018) destaca a importância das interações sociais, do diálogo e da mediação na construção do conhecimento e no desenvolvimento das funções mentais superiores. De acordo com Vygotsky (2007), o aprendizado não ocorre apenas a partir das informações transmitidas pelos professores, mas também por meio das interações entre os indivíduos e a cultura na qual estão inseridos.

Assim, no contexto escolar, a produção cultural desempenha um papel fundamental na promoção dessas interações e na apropriação do conhecimento (SMOLKA, 2012; QUICENO; PEREIRA; COENGA, 2021). De acordo com a autora, ao permitir que os alunos explorem suas habilidades criativas e expressivas por meio de atividades de leitura, escrita,

oralidade e expressões artísticas, a escola oferece um ambiente propício para o desenvolvimento intelectual e social dos estudantes (SMOLKA, 2012).

Diante disso, entende-se que as produções socioculturais da leitura, escrita e oralidade são fundamentais para compreender como os alunos constroem significados e se apropriam dos conhecimentos no ambiente escolar. Isso porque, por meio do diálogo e da interação com os colegas e professores, eles podem construir sentidos, compartilhar perspectivas e ampliar seus horizontes culturais, pois, conforme apontado por Smolka (2012, p. 35), “ler e escrever se constituem em sucessões de momentos discursivos e de aquisição com interlocução e interação”.

Além disso, essas relações se mostram dialógicas e permeadas pela afetividade e têm um papel relevante na produção cultural escolar (VYGOSTSKY, 2007; ROGERS, 1987), além de ocorrer, em algumas vezes, por meio do que Della Torre (1983) define como grupamento espontâneo. O ambiente afetivo e acolhedor da sala de aula proporciona segurança e confiança para que os alunos expressem suas ideias, engajem-se em discussões e criem textos e produções artísticas. A interação entre os colegas, mediada pelo poder da afetividade, promove a troca de experiências, o respeito às diferenças e o desenvolvimento de habilidades sociais.

Vygotsky (2007) também enfatiza o conceito de internalização, que descreve o processo pelo qual o aprendizado se concretiza. Isso ocorre quando os indivíduos refletem sobre o nome e o significado de um objeto, tornando-os parte de sua experiência interna. A internalização acontece por meio da interação com outras pessoas, da linguagem e da troca de conhecimentos. É nesse processo que os indivíduos adquirem não apenas conhecimentos, mas também papéis sociais e valores que se tornam parte de sua compreensão do mundo.

Segundo Vygotsky (2018), o desenvolvimento humano ocorre em um contexto social e histórico, sendo a aprendizagem impulsionada por meio da interação com outros indivíduos mais experientes, como pais, professores e colegas. Nesse sentido, vale destacar ainda que Rogers (1978, 1983, 1987), em seus estudos, sempre propôs uma educação humanista, a qual envolve a presença de professores como mediadores da cultura, confiantes em seu conhecimento, em seus relacionamentos e na capacidade dos alunos de pensar e sentir.

De acordo com Rogers (1987), os professores devem adotar uma postura que encoraje o envolvimento dos alunos no planejamento das atividades em sala de aula, fornecendo recursos didáticos adequados e promovendo a participação ativa dos estudantes no processo formativo. Isso permite que os alunos contribuam para o desenvolvimento coletivo por meio de atividades de aprendizagem em grupo, assumindo responsabilidade por seus interesses, escolhas e consequências. Para ele, o professor “[...] tem a habilidade de compreender as reações íntimas do aluno, quando tem a percepção sensível do modo como

o aluno vê o processo de educação e de aprendizagem, então, cresce a probabilidade de aprendizagem significativa" (ROGERS, 1978, p. 111–112).

Como mediador da aprendizagem, o papel do professor transcende a ideia de ser apenas detentor do conhecimento e centralizador. Em vez disso, ele busca desenvolver sua autoconfiança e estabelecer uma relação dialógica com o aluno, permitindo, assim, uma conexão afetiva (ROGERS, 1987), que visa proporcionar experiências significativas que contribuam efetivamente para a aprendizagem do aluno, promovendo um desenvolvimento pleno (VYGOTSKY, 2018).

Assim, tomando, como viés, a questão das relações dialógicas e das habilidades a serem desenvolvidas em sala de aula, buscou-se focar em propostas voltadas a proporcionar às crianças a oportunidade de explorar diferentes materiais por conta própria, incluindo a exploração de movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos e elementos da natureza, tanto dentro quanto fora da escola, ampliando seus conhecimentos sobre a cultura em suas diversas formas: artes, escrita, ciência e tecnologia.

3 Festa na floresta: escritura na sala de aula

Ao longo da atividade, utilizamos a teoria histórico-social de Vygotsky (2018) como um referencial teórico importante para embasar nossa interpretação dos dados, buscando compreender o papel das interações sociais, da cultura e do desenvolvimento cognitivo na sala de aula, com destaque para a importância das relações dialógicas e da afetividade no processo de ensino-aprendizagem.

Iniciamos o trabalho possibilitando aos alunos a internalização dos gestos apreendidos de ler (VYGOTSKY, 2007). Nessa etapa, foi permitido que eles ouvissem músicas, dançassem e emitissem seus comentários de diversas formas e temáticas, pertinentes ou não, para só então, depois desse aquecimento e instante de desinibição e interação, realizarmos uma pesquisa das personagens folclóricas, não nos restringindo apenas à cultura da Baixada Cuiabana, mas também do Brasil.

A proposta, em si, consistiu, depois de haver uma precedência, que foi a roda de conversa a respeito da cultura brasileira, destacando o componente folclore, escrever um texto relacionado ao folclore brasileiro, a partir da apresentação do imenso panteão de seres mágicos que existem na nossa cultura, alguns (re)conhecidos por eles e outros que foram apresentados pelos meios culturais como televisão e livros paradidáticos, destacando-se: Saci Pererê, Lobisomem, Mula sem Cabeça, Currupira, Bruxas, Cuca, Almas Penadas, Urutau, Carrocinha do Baú e Bola de Fogo.

No entanto, não fomos proibitivos quando foram citados, pelos alunos, entes de outras nações, dado que vivemos atualmente em uma cultura na qual a diversidade dá tônica às inter-relações. Nesse momento, os alunos iniciaram as aproximações à medida que iam falando os nomes dos personagens pensados e se divertiam no processo de elencar o maior número para a escrita de suas respectivas produções.

De posse dos nomes, iniciou-se então o processo criativo, que contou com a participação desta professora mediadora no suporte literário e para sanar as dúvidas quanto à escrita de palavras e/ou de expressões, somente quando alguma criança solicitava apoio, pois a intenção era interferir o mínimo possível nessa etapa criativa.

Depois disso, deu-se início à ilustração da história. Esse momento foi divertidíssimo e contou com a originalidade infantil, pois as propostas de ilustrações variavam desde recortes, colagens, desenhos, até o próprio texto escrito, o que nos remeteu ao repertório literário dos alunos, aos saberes e às variadas técnicas que eles poderiam imprimir ao texto.

Chegamos ao momento de dar corpo à escolha das produções escritas que seriam eleitas como vencedoras em sala de aula. Cabe informar que as crianças estiveram sempre motivadas durante as aulas pelo fato de ver, nesses momentos, o espaço de aprendizado, criação e lazer, quando puderam dar asas à imaginação e voar criando todo e qualquer tipo de texto, dentro do espaço em que nos encontrávamos e do que foi previamente estabelecido no processo da relação de ensino dialógica.

A proposta de escritura foi direcionada para que ocorresse a interdisciplinaridade entre os assuntos abordados, de modo que fosse possível compreender os temas debatidos, seja como contribuição de atualidades, seja como forma de observação de conhecimento da matéria dada, por meio de incentivo para que a troca entre os pares acontecesse, de maneira a aumentar o seu referencial cognitivo e humano. O simples fato de ficarem juntos era motivo de encorajamento e surgiam, nesse momento, a alegria e a diversão na realização das atividades, conforme destacado por Vygotsky (2018).

Foi curioso perceber o processo de experiência sociológica que tivemos durante a aula de língua portuguesa sobre a produção de texto, em relação aos grupamentos, que, conforme sinalizado por Della Torre (1983), ocorre, por vezes, de forma espontânea, durante o exercício da escritura, com o surgimento sem deliberação prévia. Já quanto à duração desses grupamentos, classificaremos como periódico ou acidental, já que se desfizeram ao sabor das circunstâncias, nesse caso específico, a escrita de uma produção que foi sugerida para a turma do 4º ano, por ocasião das celebrações do Dia do Folclore.

Entre os próprios pares, houve consenso para eleger a que seria merecedora da escolha, surgindo, nesse momento, a proposta de se escrever um livro com base no título do texto escolhido. De acordo com essa experiência, foi possível apreender o que foi ensinado

por Smolka (2012) sobre a teoria dialógico-discursiva, uma vez que os alunos, em um processo de aprendizagem, foram incentivando uns aos outros, ao mesmo tempo que adquiriam novos aprendizados e evoluíam como escritores, tal como a retroalimentação.

Assim, as crianças escreveram, sentiram-se encorajadas em seu processo criativo, ouviram com atenção a leitura de seus pares, expressaram-se por meio de uma oralidade primorosa e sentiram a necessidade de voltar a escrever e ilustrar, em um processo contínuo.

Como esse movimento provocou as crianças a continuarem nesse processo, surgiram, ao mesmo tempo, desafios maiores: a escrita e a ilustração de um livro, cujo título seria o da produção escolhida como a melhor. Para além disso, foram retirados, do livro escrito em sala de aula, o melhor texto escrito e as melhores ilustrações, sendo esses destaques reconhecidos e premiados, o que levou ao alcance do nosso objetivo de formar não só crianças leitoras, mas também escritoras e ilustradoras.

Quando pensamos que pararíamos nesse ponto, eis que surgiu a proposta de transformar o livro vencedor em uma peça teatral. Paralelo às atividades de escritura, leitura e ilustração, deparamo-nos com o desenvolvimento da criatividade, oralidade e utilização do corpo pelas crianças que tiveram o interesse de participar das atividades teatrais.

5 Considerações finais

A atividade desenvolvida nos levou a refletir sobre a importância da literatura infantil na formação de crianças leitoras e escritoras. Nesse sentido, acreditamos na necessidade de repensar as práticas pedagógicas e didáticas em relação à formação de professores, incentivando-os a reconfigurar suas abordagens de ensino. É fundamental que eles desenvolvam estratégias didáticas inovadoras e criativas que incentivem a criação e, consequentemente, promovam a formação da leitura.

No contexto específico do 4º ano, abordado nesta pesquisa, observamos uma turma excepcionalmente disposta, caracterizada por uma forte curiosidade e desejo de aprender, tanto por meio de experimentos concretos quanto abstratos. Consideramos essa turma atípica devido ao entusiasmo com que os alunos realizavam todas as atividades propostas. Eles demonstravam um encantamento genuíno diante das oportunidades de explorar novos exercícios, especialmente quando podiam colaborar em grupos, trocar ideias e influenciar o processo criativo um do outro. No entanto, a produção final ocorria de forma individualizada.

Diante desse panorama, concluímos que a criação de um ambiente de aprendizagem que valoriza a autonomia, a colaboração e a exploração criativa é fundamental para o desenvolvimento pleno dos alunos. É essencial que os professores incentivem e aproveitem a disposição intrínseca dos estudantes, promovendo atividades desafiadoras e estimulantes.

Dessa forma, fomenta-se a formação de leitores e escritores proficientes, capazes de se envolver ativamente no processo de criação e expressão.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

DELLA TORRE, M. B. L. **O homem e a sociedade:** uma introdução à sociologia. 11. ed. São Paulo: Ed. Nacional,1983.

QUICENO, A. A.; PEREIRA, B. C. .; COENGA, R. E. Literatura infantil: una herramienta primordial para el desarrollo de los niños de preescolar. **Revista de Educação Pública**, [S. l.], v. 30, n. jan/dez, p. 1–18, 2021. DOI: 10.29286/rep.v30ijan/dez.10089.

ROGERS, C. R. **Liberdade para aprender**. Belo Horizonte: Interlivros, 1978.

ROGERS, C. R. **Um jeito de ser**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1983.

ROGERS, C. R. **Tornar-se pessoa**. Tradução: Manuel J. C. Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita:** a alfabetização como processo discursivo.13. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. [E-book]. São Paulo: Martins Fontes, 2018.